

04

Elias J. Torres Feijó, *Portugal, para quê? Seis marcos no relacionamento galego-português*, Santiago de Compostela, Andavira editora, 2019, 158 páginas.

Alberto Paz-Félix

Universidade da Coruña / Universidade do Minho

Orcid 0000-0003-2329-3275. alberto.paz.felix@udc.es. Universidade da Coruña. España / Universidade do Minho. Portugal.

A obra proposta é uma das últimas publicações realizadas pelo Doutor Elias J. Torres Feijó, coordenador da Rede Galabra de Estudos na Cultura e professor de Literaturas de língua portuguesa e metodologia da análise da literatura e da cultura na Universidade de Santiago de Compostela (USC), universidade na que também foi vice-reitor de cultura (2006-2009) e atualmente é decano da sua Facultade de Filoloxía. Além disso, o autor foi também Presidente da Associação Internacional de Lusitanistas (AIL) e diretor da revista *Veredas*. O livro *Portugal, para quê? Seis marcos no relacionamento galego-português* consiste numa compilação de seis textos, publicados previamente e agora agrupados, nos quais é realizada uma análise das relações culturais e literárias galego-portuguesas através de seis marcos, seis contributos diversos na sua temática. Os textos recolhidos nesta obra foram publicados previamente em vários momentos e com diferentes finalidades: os cinco primeiros textos tratam as relações Galiza-Portugal em períodos concretos e focados nalgum evento de relevância, enquanto o último foi um texto realizado para uma conferência organizada pela Associação Galega da Língua (AGAL) em maio de 1997 como homenagem a Valentim Paz-Andrade. Tanto a Associação como Valentim Paz-Andrade estão ligados ao movimento existente na Galiza chamado de “reintegracionismo”, que afirma que o galego e o português são a mesma língua e que o galego deveria convergir normativamente com o português. Há diferenças observáveis nos seis textos quanto à sua organização e estrutura internas: enquanto os três primeiros textos não têm divisões internas, os três últimos estão mais estruturados, separados em várias partes. O principal elemento de unificação dos seis textos é o facto de partirem de pesquisas realizadas sobre um *corpus* comum: as revistas culturais galegas e portuguesas do século XIX e XX, onde o professor da USC analisa as notícias e eventos anunciados nelas para revelar os posicionamentos, e ideologias, que podemos extrair sobre as relações galego-portuguesas no período.

O próprio autor explica a estrutura da obra e a sua organização na introdução intitulada “Portugal, Sísifo e o galeguismo”, organizada por sua vez em duas subepígrafes: “Portugal, para quê?” e “Seis marcos”. Na primeira parte, Torres Feijó justifica o título, explicando que a sua intenção é fazer “das perguntas colocadas lanternas, bússolas se se preferir, para orientar a explicação dos factos ou, no seu caso, a leitura das explicações ou análises” (p. 11). Chama a atenção o autor para a importância que Portugal e o intersistema linguístico e cultural em língua portuguesa teve para o galeguismo, assinalando as transferências que a Galiza teve de Portugal, colocando como exemplos o facto de palavras tiradas do português como “Deus”, “escola” ou “século” serem hoje em dia de uso habitual na Galiza, palavras que anteriormente foram substituídas por termos espanhóis. Finaliza este primeiro ponto explicando a origem e finalidade dos textos aqui publicados, introduzindo-os ao leitor partindo da sua feitura. Todos, com exceção do terceiro capítulo, procedem de conferências, capítulos de livros e artigos publicados anteriormente. No caso do terceiro texto, este forma parte da Tese de Doutoramento defendida na USC pelo autor em 1995 e publicada com o título *Galeguismo precário e Portugal* (Santiago de Compostela, Andavira Editora) no mesmo ano e editorial do que a obra aqui analisada. No segundo ponto, “Seis marcos”, o professor da USC justifica o uso da palavra “marco” para se referir a cada um dos textos, referindo-se a este termo “no sentido de acontecimento, de pessoa ou entidade importante que serve de referência” (p. 14). Assim, estes seis textos partilham a ideia comum de procurar sublinhar casos de referência no relacionamento galego-português ou, em geral, da Galiza com “o mundo de língua portuguesa” (p. 15).

Os primeiros dois textos do livro tratam as referências a Camões na Galiza. Em concreto, o primeiro “marco” no relacionamento galego-português que analisa Torres Feijó é “A receção de Camões na Galiza”, um estudo detalhado do impacto do poeta português no Sistema Cultural Galego desde o auge do movimento galeguista e do “Protossistema cultural Galego” no século XIX até a atualidade. O professor da USC começa no período do *Rexurdimento* galego, onde Camões foi utilizado como modelo produtivo (Eduardo Pondal, Rosalia de Castro) e, também, foi apropriado pelo galeguismo, tanto pela unidade linguística galego-portuguesa como também pelas origens galegas do autor. Na época das Irmandades, Torres Feijó analisa a imagem “Galiza-Portugal/Rosalía-Camões” (p. 29) que deu lugar a várias iniciativas a partir de 1916, quando as referências a Camões ficavam em segundo lugar frente às realizadas a autores portugueses contemporâneos. Após a Guerra Civil

Espanhola, e até os nossos dias, o autor d'*Os Lusíadas* continua a ser tanto objeto de estudo académico como também referente, presença que chega até os nossos dias. Entre outros exemplos, Torres Feijó salienta as diferentes estátuas e praças dedicadas a Camões na Galiza, a importância do professor de tradução Xosé Manuel Dasilva, quem analisou a importância do poeta português em questões editoriais e interpretativas, e a antologia de poesia camoniana *Doce canto em terra alheia* (1994), que abriu a coleção "Vento do Sul" da Editora Laiovento, dedicada à poesia portuguesa e apoiada pelo Instituto Camões.

O segundo texto, "Dend'as fartas orelas do Mondego (...): Rosalia de Castro: intimismo e comunidade galego-portuguesa", é uma análise sobre o poema mencionado no próprio título, "Dend'as fartas orelas do Mondego" de Rosalia de Castro. Este poema foi publicado no volume *Commemorando o tricentenário do cantor dos Lusíadas*, editado na publicação extraordinária "Portugal a Camões" realizada pelo *Jornal de Viagens*. O texto de Rosalia foi o único escrito em galego na obra, que continha textos em catalão e em espanhol, esta última língua sendo a empregada pelo resto de agentes de origem galega presentes no volume. Torres Feijó analisa o conteúdo dos repertórios do poema, onde Rosalia invoca Camões desde o intimismo, a saudade e a lembrança, e compara-o com Inês de Castro, como duas figuras históricas unidas pela tragédia de serem "vítimas do esquecimento, da incompreensão e da tirania segundo o caso, heróis de amores e ideias" (p. 48). Finaliza este texto o professor da USC afirmando a falta de notoriedade do poema na obra rosaliana, já que não foi introduzido pela própria autora em nenhuma compilação, apesar de incorporar linhas centrais do repertório galeguista da época, tanto olhando para a produção galega como em relação a Portugal.

No terceiro "marco", Torres Feijó analisa em pormenor "A polémica na Revista Gallega sobre o texto da inscrição no monumento 'Aos mártires de Carral': a evidência dum sistema paralisado". O texto investiga as tensões internas no Proto-sistema Cultural Galego utilizando como estudo de caso a polémica pelo uso das palavras "ao" e "liberdade" na inscrição do Monumento Aos Mártires de Carral, realizado pela Liga Galega da Corunha em 1904 e criticado por não utilizar os termos "ó" e "libertá" por vários agentes do galeguismo, entre eles Xan do Pobo, Marcial Miguel de Iglesia e Cayetano Aldrey, que consideravam o primeiro par como "lusismos". Torres Feijó contextualiza este conflito dentro duma época com condições adversas para o galeguismo, a de finais do século XIX e inícios do XX, onde o Proto-sistema fica sem aliados externos pelo reforço dos vínculos luso-espanhóis em detrimento dos galego-portugueses e manifesta o que o autor denomina como uma "polifonia" de opiniões, onde o regionalismo galego está no caminho de se perpetuar como uma tendência ruralista marginal dependente do sistema cultural espanhol, um "sistema cercado" (p. 52).

"Relacionamento literário galego-português. Legitimação e expansão com Sísifo ao fundo" é o quarto texto incorporado nesta obra, focado no período localizado entre 1916, ano de criação das Irmandades da Fala, e 1936, quando acontece o Golpe de Estado militar que iniciará a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Esta etapa está marcada pelo aumento significativo dos contactos galego-portugueses no período entre 1916 e 1936, ao existirem interesses mútuos: da parte galega, a ideia de constituir um intersistema literário galego-português com Portugal como referente de reintegração, e da parte portuguesa, as relações galego-portuguesas são o "principal motor" que permitiria a integração cultural perdida e a defesa frente o "perigo espanhol" (p. 88). Este vai ser um período marcado, no Proto-Sistema Galego, pela superação dalgumas das precariedades que tiveram os regionalistas anteriormente. Como exemplo desta precariedade, Torres Feijó destaca a figura de Alfredo Guisado, poeta modernista português de origem galega que participou em ambos os sistemas, mas que ficou "desaproveitado", já que não contou com os espaços precisos para publicar a sua produção na Galiza. Porém, o fortalecimento das relações galego-portuguesas é possível graças não só ao surgimento da fase nacionalista do galeguismo a partir de 1916, mas também à evolução do Saudosismo em Portugal, que vai integrar a Galiza no seu ideário, afirmando a unidade galego-portuguesa através da língua e da Saudade. Conclui o texto justificando as referências a Sísifo, pois o galeguismo teria subido a pedra depois de inúmeros esforços, e na Guerra ela voltou a rolar ao ponto de partida.

O quinto marco afasta-se do período em foco dos textos anteriores. Se nos textos anteriores Torres Feijó analisava o período entre a primeira organização do movimento regionalista galego e a Guerra Civil Espanhola, neste caso o professor da USC dedica a sua atenção aos anos 70 do século XX, em concreto a “O 25 de abril e as suas imediatas consequências para e no protossistema cultural galeguista”. Assim, Torres Feijó analisa o impacto na Galiza da Revolução dos Craveis no período entre a realização desta, o 25 de abril de 1974, e a morte do ditador espanhol Francisco Franco. O contexto do Processo Revolucionário Português (PRP) em Portugal, enquanto a ditadura franquista sobrevive no outro lado da fronteira, vai estar marcado por dois fatores: primeiro, o elemento da resistência, já que a repressão política e cultural continua ativa na Espanha, pelo qual Portugal vai virar local de edição de livros e publicações proibidas e de exílio de agentes perseguidos, onde Torres Feijó destaca a Margarita Ledo, agente do partido marxista e nacionalista galego Unión do Povo Galego (UPG), que consegue exercer como leitora de galego na Universidade do Porto, aumentando significativamente a popularização da cultura galega nas suas atividades; segundo, o facto de que todos os grupos trabalham com a expectativa da eventual queda da ditadura. De acordo com Torres Feijó, isto “contribui para a geração dum importante acumulo de energia” (p. 94). O professor da USC realiza esta análise dividindo as reações em dois grupos, o formado pelo denominado “Grupo Galaxia”, grupo galeguista focado na divulgação de atividades literárias e culturais através da editorial do mesmo nome, que reage fracamente pelo conflito com Manuel Rodrigues Lapa, o seu principal contacto português; e a UPG, que vai aumentar significativamente a sua presença em Portugal graças ao contacto com o Partido Comunista Português (PCP).

Por último, no sexto texto, “Cultura, cultura galega e mundo lusófono em Valentim Paz-Andrade. Alguns contributos”, Torres Feijó analisa a atividade deste agente reintegracionista histórico desde as primeiras relações com o galeguismo de pré-guerra nos anos 20 até as suas últimas obras já no decénio de 80 do século XX, pouco antes da sua morte. Este último texto tem uma faceta ideológica mais remarcada do que no resto, o qual seguramente esteja ligado à feitura original: foi produzido para uma conferência reintegracionista ligada à AGAL, não para uma revista científica. Ainda assim, Torres Feijó afirma que não pretende fazer uma biografia do autor, nem uma listagem das “evidências reintegracionistas de Paz-Andrade” (p. 108). O texto, então, é uma análise cronológica da trajetória de quem foi jornalista, advogado, político e histórico militante do galeguismo, explicando as principais linhas na ideologia de Paz-Andrade e o seu desenvolvimento, com foco no conceito que este foi criando com o passo do tempo de “cultura” como um ente dinâmico sujeito a fatores sócio-económicos, e também de “reintegracionismo”, onde Paz-Andrade não se interessa apenas por Portugal, mas também pelo Brasil, olhando para a lusofonia como um espaço humano e cultural próprio (p. 148).

Nesta obra, a partir duma pergunta desafiante (“Portugal, para quê?”) Torres Feijó analisa as relações galego-portuguesas vistas desde a Galiza. Qual é a utilidade que tem para nós, galegos, Portugal? Por que é útil dedicarmos recursos e tempo em manter relações entre as duas bandas do rio Minho? Os textos constroem um discurso unificado no que Torres Feijó explica o que Portugal foi para o movimento galeguista desde o século XIX: “Portugal desempenha um poderoso papel de referente de reintegração, de emulação e de analogia, por vezes, frente ao referente de oposição que representa Castela/Espanha” (p. 25), nas suas próprias palavras. Desde a Liga Galega da Corunha, e o texto do monumento aos Mártires de Carral que procurava no português um modelo de língua culta, até Paz-Andrade e a sua vontade de utilizar os vínculos com a lusofonia para a melhora da situação da “língua galaico-portuguesa” na Galiza. Torres Feijó mostra-nos como a aproximação a Portugal foi uma constante histórica para uma série de grupos e agentes que procuraram uma maior autonomia para o Sistema Cultural Galego em relação à dependência e à relação subalterna a respeito do Sistema Espanhol. O professor da USC, assim, aborda um campo de estudo, o das relações sistémicas entre os sistemas culturais das duas ribeiras do Minho, desenvolvido apenas nestas últimas décadas graças ao trabalho da Rede Galabra que o mesmo Torres Feijó dirige, com contributos como *A Imagem da Galiza em Portugal* de Carlos Pazos-Justo (publicado por Através Editora em 2016, no mesmo ano e editora em que se publica *A Imagem de Portugal na Galiza*, da autoria de Carlos Quiroga) ou as obras *Portugal e(m) nós. Contributos para a*

compreensão do relacionamento cultural galego-português. (2019) e *Galiza e(m) nós. Estudos para a compreensão do relacionamento cultural galego-português* (2021), ambas as duas publicadas por Humus Editora e coordinadas por Carlos Pazos-Justo e Roberto Samartim e pelo mesmo Carlos Pazos-Justo, Gabriel André e María Jesús Botana Vilar respetivamente.



<https://revistas.udc.es/index.php/rgf>

Edita

Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña,
co patrocinio de ILLA (Grupo de Investigación Lingüística
e Literaria Galega)

Dirección

Teresa López, Universidade da Coruña (España)
Xosé Manuel Sánchez Rei, Universidade da Coruña (España)

Secretaría

Diego Rivadulla Costa, Universidade da Coruña (España)

Consello de Redacción

Ana Bela Simões de Almeida, University of Liverpool (Reino Unido)
Pere Comellas Casanova, Universitat de Barcelona (España)
Iolanda Galanes, Universidade de Vigo (España)
Leticia Eirín García, Universidade da Coruña (España)
Carlinda Fragale Pate Núñez, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Brasil)
Xavier Varela Barreiro, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Xaquín Núñez Sabarís, Universidade do Minho (Portugal)

Comité asesor

Ana Acuña, Universidade de Vigo (España)
Olga Castro, University of Warwick (Reino Unido)
Regina Dalcastagnè, Universidade de Brasília (Brasil)
Manuel Fernández Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Roberto Francavilla, Università degli studi di Genova (Italia)
Ana Garrido, Uniwersytet Warszawski (Polonia)
José Luiz Fiorin, Universidade de São Paulo (Brasil)
Xoán Luís López Viñas, Universidade da Coruña (España)
Xoán Carlos Lagares, Universidade Federal Fluminense de Niterói (Brasil)
Sandra Pérez López, Universidade de Brasília (Brasil)
María Olinda Rodrigues Santana, Universidade de Trás-Os-Montes
e Alto Douro (Portugal)

Comité científico

Silvia Bermúdez, University of California, Santa Barbara (Estados Unidos)
Evanildo Bechara, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
Ángela Correia, Universidade de Lisboa (Portugal)
Carme Fernández Pérez-Sanjulián, Universidade da Coruña (España)
Manuel Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Maria Filipowicz, Uniwersytet Jagiellonski (Polonia)
Xosé Ramón Freixeiro Mato, Universidade da Coruña (España)
María Pilar García Negro, Universidade da Coruña (España)
Helena González Fernández, Universidade de Barcelona (España)
Xavier Gómez Guinovart, Universidade de Vigo (España)
Pär Larson, CNR - Opera del Vocabolario Italiano, Florencia (Italia)
Ana Maria Martins, Universidade de Lisboa (Portugal)
Kathleen March, University of Maine (Estados Unidos)
María Aldina Marques, Universidade do Minho (Portugal)
Inocência Mata, Universidade de Lisboa (Portugal)
Juan Carlos Moreno Cabrera, Universidad Autónoma de Madrid (España)
Andrés Pociña, Universidade de Granada (España)
Eunice Ribeiro, Universidade do Minho (Portugal)
José Luís Rodríguez, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Marta Segarra, CNRS (Franza) / Universitat de Barcelona (España)
Sebastià Serrano, Universitat de Barcelona (España)
Ataliba T. de Castilho, Universidade de São Paulo (Brasil)
Telmo Verdelho, Universidade de Aveiro (Portugal)
Mário Vilela, Universidade do Porto (Portugal)
Roger Wright, University of Liverpool (Reino Unido)

Cadro de honra

Álvaro Porto Dapena (1940-2018), Universidade da Coruña (España)
José Luis Pensado (1924-2000), Universidade de Salamanca (España)
Rafael Lluís Ninyoles (1943-2019), Conselleria de Educació i Ciència,
Generalitat Valenciana (España)



Depósito legal/ C584/2000
ISSN/ 1576-2661
ISSN-e 2444-9121
Deseño/ Novagarda